

Iraque pós-ocupação: um novo Líbano, um Estado federal ou novas guerras

SAFIA AL-SUHAIL, política independente e liberal eleita para a Assembleia Nacional iraquiana em Março, dizia-nos em Julho de 2010, um mês antes da retirada das tropas de combate dos Estados Unidos, que os países demoram em média nove anos a começar a estabilizar depois de uma transição como a que o Iraque atravessa. “Nove anos chegam para um país que viva em segurança e que tenha relações normais e o apoio dos países vizinhos. Nós não temos nada disso, vamos precisar de mais tempo”, defendeu Suhail.

Mas ao contrário de muitos outros iraquianos, a deputada Suhail, herdeira de uma poderosa família árabe xiita que se opôs a Saddam Hussein, acredita que o seu país tem futuro, mesmo que esse futuro tarde. Apoiante da intervenção militar norte-americana para derrubar a ditadura do Partido Baas, Suhail aponta muitos erros aos homens enviados por Washington.

É Suhail que conta como depois da queda de Saddam a oposição teve as primeiras reuniões no interior do Iraque. Nassiriyah, a capital da província de Dhi Qar, no Sul, onde esteve o contingente da GNR entre 2003 e 2005, foi cenário da primeira. Suhail disse então aos xeques e aos opositores vindos do exílio, como ela, que ninguém deveria levantar problemas às mulheres ou aos liberais “em nome da religião”. E é ela que diz agora que os xeques a ouviram, mas que o mesmo não fez Paul Bremer, o líder da Autoridade Provisória da Coligação, pró-cônsul de Washington em Bagdad, que teve a primeira e a última palavra em todas as decisões importantes até Junho de 2004.

Foi Bremer e a sua equipa que decidiram que o poder devia ser dividido entre árabes xiitas, árabes sunitas e curdos, guardando quotas para as minorias religiosas, como os cristãos, ou étnicas, como os turcomanos. Uma decisão de que os iraquianos continuam a “pagar o preço”, diz a deputada.

Os norte-americanos entraram no Iraque de rompante, fizeram evaporar um regime que em muitos aspectos estava moribundo, podre por dentro. Depois, destruíram o Estado e

deixaram um vazio que não souberam preencher. No papel, distribuíram o poder a seitas, entregando-o assim a fundamentalistas. Na prática, abriram caminho para outros fundamentalistas pegarem em armas e tentarem obter pela força esse poder. Com ou sem governo, o Iraque ainda será de quem tem armas se quem tem armas decidir combater. Com ou sem norte-americanos — e será sem, a retirada está em andamento; ficaram 50 mil soldados, até ao fim de 2011 sairão os restantes — o Iraque é uma incógnita.

“**Os norte-americanos (...) fizeram evaporar um regime (...) destruíram o Estado e deixaram um vazio que não souberam preencher.**”

É um país, ainda, com fronteiras e uma capital e 18 províncias, mas pode nos próximos anos voltar a resvalar para uma guerra civil. E ao contrário da anterior, que se travou entre xiitas e sunitas de 2005 a 2007, a próxima pode envolver mesmo os países fronteiriços, da Síria à Arábia Saudita e à Jordânia, passando pelo Irão. No pior dos cenários, até a Turquia entraria em jogo para defender a comunidade turcomana (turcófona) face aos cada vez mais independentes *de facto* curdos do Norte do Iraque.

Os mesmos argumentos

Os Estados Unidos sempre acusaram o Irão de combater no Iraque uma “guerra por procuração” contra o “Grande Satã”, através do apoio a partidos xiitas e às suas milícias ou através do envio de explosivos para serem usados directamente contra as tropas norte-americanas. De Damasco, Washington sempre disse que permitia a passagem de potenciais bombistas suicidas e de extremistas estrangeiros para engrossarem as fileiras dos grupos que se identificam com a Al-Qaeda e que só depois da invasão de Março de 2003

passaram a actuar no Iraque. Mas os estudos, como o de Mohammed M. Hafez, mostram que os bombistas suicidas (e no Iraque foram em número nunca visto) vieram mais do território do aliado reino saudita do que do país dos baasistas sírios. O Iraque pós-Saddam é fraco face aos restantes países da região, protege mal as suas fronteiras e está vulnerável a múltiplas influências e interesses. O Iraque já foi uma potência e era, para os países ocidentais, um tampão ao poder dos *ayatollahs* xiitas da República Islâmica. Certo é que o Irão é hoje a potência regional em ascensão e que os Estados Unidos de Barack Obama nada podem contra esse facto.

Curiosamente, em fim de festa, os conservadores norte-americanos servem-se dos mesmos argumentos que passaram a ser usados pelos árabes sunitas, que nos primeiros anos pós-invasão combateram os norte-americanos e que nos tempos mais recentes passaram a querer a sua protecção e a temer a retirada. No Verão, antes do fim do prazo para a saída das tropas de combate ditado por Obama, Fred Kagan, historiador militar e analista do American Enterprise Institute, defendeu que o presidente não pode focar-se apenas nas suas promessas e esquecer o futuro dos iraquianos. Ou seja, que devia repensar a retirada — que na verdade, fora o simbolismo do 30 de Agosto de 2010, foi acordada entre a Administração de George W. Bush e o Governo de Nouri al-Maliki após duras negociações em 2008, terminadas com Obama já eleito mas ainda não na Casa Branca. Os EUA devem ficar, argumenta Kagan, como querem os árabes sunitas, porque se não o fizerem estão a entregar o Iraque ao Irão.

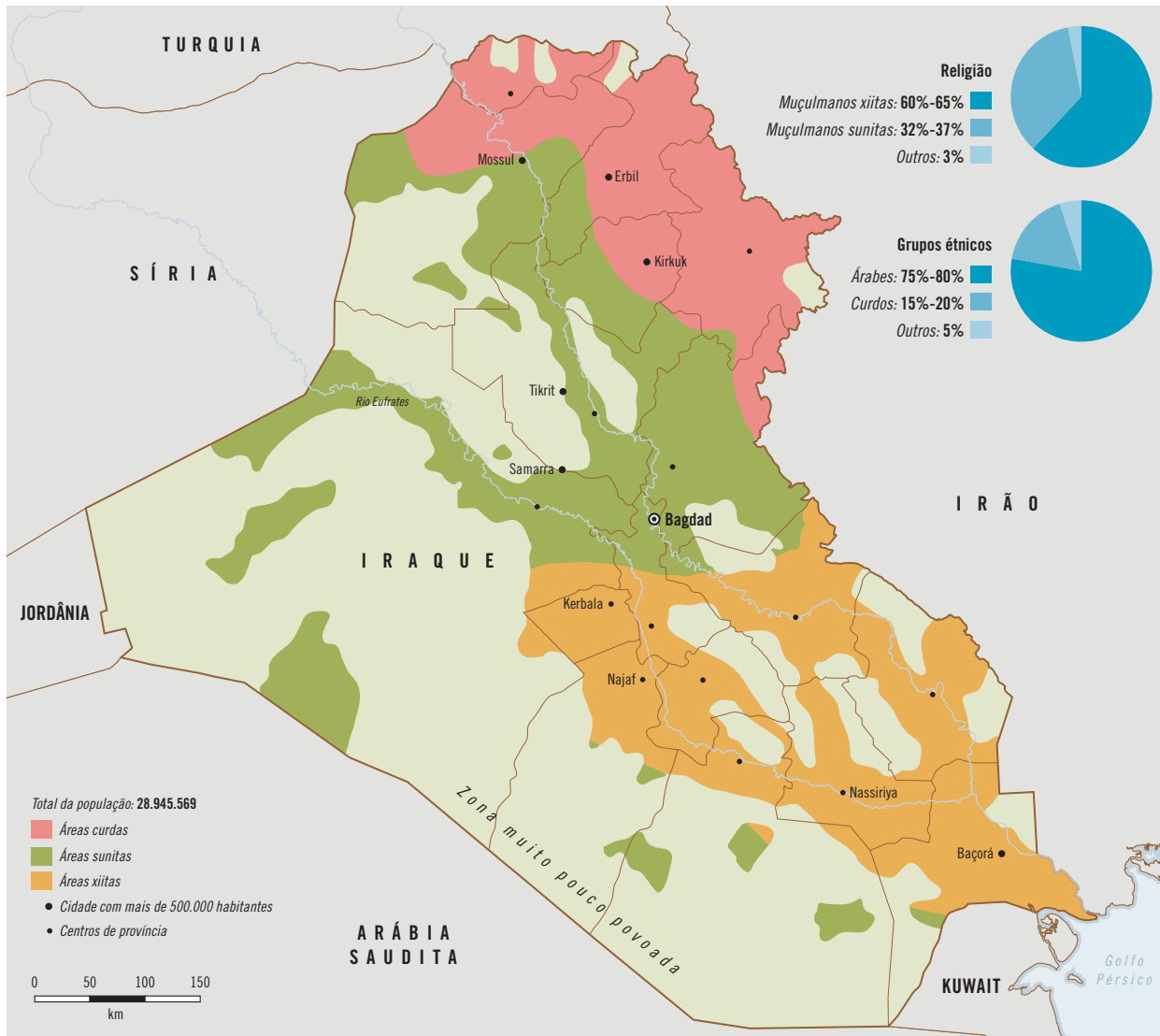
Kagan disse ainda que se os iraquianos pedissem, Obama deveria adiar a saída, omitindo aquilo que não pode ignorar: os iraquianos nunca pedirão aos EUA para ficar. Nenhum político se atreveria a fazê-lo, mesmo se não existisse um homem chamado Moqtada al-Sadr, o xiita que lidera o único movimento de massas criado no Iraque desde 2003 e que fez o seu nome gritando “Morte à América” e usando palavras como ocupação, resistência e martírio. Sadr já é desde há muito um jogador importante no tabuleiro político iraquiano. Mas quer ser uma peça fundamental na região. Aspira a ser o próximo Hassan Nasrallah, o xeque libanês líder do xiita Hezbollah que em 2006 declarou ter vencido Israel, depois de uma guerra que destruiu Beirute mas que

fez o mesmo pela liderança israelita e deixou de rastos a confiança dos israelitas nos seus governantes e nos seus chefes militares.

Sadr quer ser uma peça no chamado “eixo de resistência”, formado pelo grupo palestiano sunita Hamas e pelo Hezbollah, com o apoio iraniano. Não há razões para que não

“O OUTRO IRAQUE”

Fica no Iraque mas não é o Iraque. É, segundo o governo regional, “O Outro Iraque”, um *slogan* que poderia soar de mau gosto se não assentasse tão bem ao Curdistão iraquiano, a região semi-autónoma que os curdos iraquianos governam no Norte do Iraque e onde a violência do pós-invasão norte-americana quase não se fez sentir. O Curdistão não esperou por Bagdad e prosperou. Assinou contratos de exploração de petróleo antes da Assembleia Nacional chegar a acordo sobre a lei da partilha dos recursos. Abriu aeroportos e chamou estrangeiros. Incentivou o turismo. Deu guarida às agências da ONU que deixaram Bagdad e aproveitou os seus peritos para desencadear projectos como o da reabilitação da cidadela de Erbil, a cidade que é a actual capital do poder regional. No Curdistão nasceram estradas e postes eléctricos. Em 2010 chegou-se às 18 horas de electricidade por dia, fornecidas pela rede pública, e o Governo garante que serão 24 ainda em 2011. Isto apesar do *boom* de construção, com hotéis e prédios de escritórios e subúrbios de habitação a surgirem em Suleimaniyah e principalmente em Erbil. Permanece por resolver a questão Kirkuk — cidade situada imediatamente abaixo das actuais fronteiras do Curdistão e que os curdos reclamam como sua, mas onde vivem muitos árabes, para além de turcomanos e cristãos —, mas os curdos não esperaram para construir um país funcional, mesmo se não totalmente democrático. Há maus sinais a virem do Curdistão, como um aumento da perseguição aos jornalistas, mas também há sinais positivos, como a emergência de um terceiro partido, o Mudança, uma oposição aos históricos Partido Democrático do Curdistão, do actual primeiro-ministro curdo, Massoud Barzani, e União Patriótica do Curdistão, do presidente iraquiano, Jalal Talabani. Estes partidos já travaram uma guerra civil e hoje dividem o poder. Com ou sem Kirkuk como capital, o Curdistão, pelo menos o iraquiano, com os seus seis milhões de habitantes, já é uma realidade. O que não significa que o maior povo sem Estado — dividido pela Síria, Turquia, Arménia, Azerbaijão, Irão e Iraque — vá um dia ter um país chamado Curdistão.



Divisões étnico-religiosas do Iraque. Fonte: CIA Factbook (estimativa da população em Julho de 2010).

o consiga, se essa for a sua determinação. O Iraque é o único país árabe de maioria xiita. E o único país de maioria xiita para além do persa Irão. Foi por tudo isso que o rei da Jordânia, Abdullah, avisou, antes da guerra, que viria aí um “crescente xiita” a unir o Líbano do Hezbollah a Bagdad e ao Irão dos mulás. Amr Moussa, líder da Liga Árabe, antecipou que invadir o Iraque de Saddam seria “abrir a caixa de Pandora”.

O julgamento da História

Entre o pior cenário e o melhor panorama há muitas nuances mas não há caminhos simples. A vida dos iraquianos foi duríssima nos últimos anos – entre dois e três milhões fugiram do país (na Síria há bairros com nomes de cidades iraquianas) e um número idêntico fugiu de casa dentro do Iraque para onde pôde, para não ser morto. Hoje continua difícil.

Independentemente da violência, os iraquianos têm agora, em média, três a quatro horas de electricidade por via da rede nacional – tinham quatro a oito horas no pré-guerra de 2003. No Verão quente de 2010, protestos nas cidades do Sul do país contra a falta de electricidade provocaram pelo menos dois mortos. Os indicadores de água potável não são melhores do que os do acesso a electricidade – e a água pode mesmo ser o próximo motivo para um conflito regional. Os caudais iraquianos dos rios Tigre e Eufrates chegaram em 2009 aos níveis mínimos de que há registo e a ONU tenta pôr em marcha um plano de emergência. Lembramos de novo a deputada Suhail para notar que nada adianta se os países vizinhos não quiserem ajudar: é da Síria que vem o Eufrates, da Turquia que corre o Tigre, e é com o Irão que o Iraque partilha o Shat-al-Arab, o rio que já fez de Baçorá a Veneza do Médio Oriente. Os vizinhos do Iraque

prosperaram enquanto o Iraque definhou, as barragens nasceram e não há acordos que estipulem a quantidade de água que deve atravessar as fronteiras.

A vida de muitos iraquianos que permaneceram no seu país e sobreviveram também não é fácil por causa da pobreza. O nível de vida de um funcionário público, de classe média ou classe média baixa, subiu alucinantemente desde 2003. Os salários são dez vezes mais altos e tudo é muito mais caro, da gasolina ao pão. Mas há oito milhões de pobres no Iraque, muitos dos quais deixaram simplesmente de poder pagar as suas rendas quando estas aumentaram e ficaram na rua. Nasceram “campos de deslocados internos” que, na maioria dos casos, nem campos são. São ruínas habitadas por famílias inteiras às quais não chega qualquer apoio. O governo tem outras prioridades e as organizações internacionais ainda não adequaram os critérios de

actuação no país aos riscos actuais, mantendo enormes limitações de movimentos aos seus funcionários estrangeiros e continuando a operar muitas vezes a partir da Jordânia, para onde retiraram depois dos atentados do Verão de 2003 contra as sedes das Nações Unidas e do Comité Internacional da Cruz Vermelha.

No melhor dos cenários, os diferentes grupos políticos e religiosos existentes no Iraque, com as suas ligações aos países vizinhos, vão entender-se para uma de duas soluções. Um novo Líbano, que é no fundo o que Bremer quis fazer, ao decidir que o presidente seria curdo, com um vice árabe sunita e outro árabe xiita, o primeiro-ministro seria árabe xiita e o presidente do parlamento seria um sunita. Será uma paz podre como a libanesa, que pode mais cedo ou mais tarde transformar-se nalgum tipo de conflito armado. Outra solução passa por um Estado federal com províncias agrupadas a norte, ao centro e a sul, uma divisão determinada pela maioria étnico-religiosa: curda a norte, árabe sunita no centro, árabe xiita no sul. Bagdad tem de tudo entre os seus mais de 5 milhões de habitantes e os árabes sunitas não têm petróleo na que seria a sua “região natural”, pelo que esta solução será de muito difícil aceitação pelas partes.

Seja qual for o futuro, certo é que não havia nem armas de destruição maciça, como Bush garantiu, nem a Al-Qaeda operava aliada a Saddam Hussein, como Washington quis que o resto do mundo acreditasse. Numa entrevista a Bob Woodward para o quarto livro que este jornalista escreveu sobre a presidência Bush, o antigo presidente dos Estados Unidos disse que a História terá de o julgar, a propósito do tempo que demorou para admitir que a realidade no Iraque teimava em não acompanhar as suas expectativas, quando Bagdad estava transformada num campo de batalha, em 2006, e Bush continuava “esperançoso”. Até que, em Janeiro de 2007, anunciou um reforço de militares e uma nova estratégia. Quer Bush queira, quer não, a História já o está a julgar. ■

Referências bibliográficas

- HAFEZ, Mohammed M. — *Suicide Bombers in Iraq*. United States Institute of Peace Press, Washington, 2007.
- WOODWARD, Bob — *The War Within*. Simon & Schuster, 2008.
- International Crisis Group: *Homeless Iraqis Prompt Fears of Social Crisis*, Maio de 2010.